

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Imagens Dialogadas: visualidades institucionais e dimensões propositivas do Reuni na Universidade Federal de Goiás

Maria Imaculada Correia de Miranda
Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás
imaculada@ufg.br

Resumo: A Universidade Federal de Goiás (UFG) passou por um processo amplo de expansão universitária a partir da adesão da instituição ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), implementado entre 2008-2013. Os resultados dessa transformação e a perspectiva da gestão sobre o período em tela constam de publicação institucional lançada no final do ano de 2014, nomeada “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, obra que traz um registro iconográfico sobre a reconfiguração da UFG ocorrida a partir do Reuni. Nesse sentido, tendo por norte a referida publicação institucional, o artigo pretende refletir sobre a expansão universitária ocorrida na UFG via Reuni, a partir da construção visual do Programa que, dentre outros, buscou colaborar com a construção de uma universidade verdadeiramente democrática e emancipatória.

Palavras-chave: UFG, Reuni, Imagens.

Considerações iniciais

O presente artigo resulta de estudos que pretendem subsidiar pesquisa de doutorado nomeada "Confrontos entre autonomia e expansão universitária: uma perspectiva comparativa dos debates sobre o Reuni no Centro-Oeste (UFG, UFT e UFMT – 2006-2013)", orientada pela Prof.^a Dra. Heloísa Selma Fernandes Capel, vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Dessa forma, de modo geral, o objetivo do estudo na esfera do mestrado foi fazer um levantamento do Reuni em suas concepções e propostas, com o intuito de compreendê-lo no âmbito das políticas educacionais brasileiras voltadas para o ensino superior, e, a partir disso, discutir a recepção do Programa no âmbito da UFG. Assim, buscou discorrer sobre a interpretação dada ao Reuni pela comunidade acadêmica da UFG, bem como evidenciar suas dimensões presentes nas narrativas institucionais e nas visualidades do Livro da Gestão UFG 2006-2013¹.

As leituras e os estudos feitos para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado acabaram por apresentar indícios que houve um certo protagonismo da UFG no processo de expansão das IFES propiciado pelo governo Lula. Essa percepção terminou

¹ Disponível em: <https://issuu.com/ufgascom/docs/livro_ufg>. Acesso aos 02 fev. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

por ser ressaltada pela banca examinadora quando da defesa final da dissertação, de modo que assim surgiu a intenção de abordar esse provável destaque da UFG sob uma perspectiva comparada, escolhendo como recorte outras duas IFES de destaque na região centro-oeste (Universidade Federal do Tocantins - UFT e Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT), tendo por norte a teoria da estética da recepção e as imagens institucionais que compõem as narrativas do processo de expansão.

O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, como parte das ações que integraram o Plano de Desenvolvimento da Educação² (PDE). Seu objetivo principal foi o de ampliar o acesso e a permanência na educação superior por meio de uma série de medidas para retomar o crescimento da educação superior pública, criando condições para que as IFES promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior (BRASIL, 2007).

As coordenadas para que as metas globais do Reuni fossem cumpridas pelas IFES foram dispostas em documento acessório ao Decreto nº 6.096/2007, nomeado “Diretrizes Gerais do Decreto nº 6.096 – Reuni”, que detalha apuradamente os objetivos do Programa, estabelece prazos e dá outras orientações, além de apresentar as seis dimensões do Reuni e de especificar o papel de cada uma delas na implementação do Programa.

Por sua vez, as seis dimensões do Reuni abordam aspectos específicos deste, a saber: 1) Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública, 2) Reestruturação Acadêmico-Curricular, 3) Renovação Pedagógica da Educação Superior, 4) Mobilidade Intra e Interinstitucional, 5) Compromisso Social da Instituição e 6) Suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação (BRASIL, 2007).

No último capítulo da já citada dissertação de mestrado, voltamos nosso olhar para determinadas imagens institucionais contidas nesta publicação, tendo por propósito perceber eventuais relações desses registros visuais com as seis dimensões propostas

² O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) foi lançado em 24 de abril de 2007, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na gestão do então ministro da Educação Fernando Haddad (PT). Lançado em 2007, tinha um prazo de quinze anos para ser completado, mas acabou descontinuado antes desse prazo. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/saiba-o-que-e-e-como-funciona-o-plano-de-desenvolvimento-da-educacao/>>. Acesso em 02 fev. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pelo Reuni para o cumprimento das metas globais e objetivos do Programa. Assim, a partir dos aportes teóricos originados pela leitura de autores como ELIAS (1994), HAROCHE (2013) e FISCHER (1963), tivemos a oportunidade de ampliar a compreensão que tínhamos sobre questões que envolvem imagens, representações e experiências estéticas que vivemos, absorvemos e (re)produzimos em nosso cotidiano.

Na escrita deste artigo pensaremos sobre o poder das imagens institucionais a partir das concepções de DIDI-HUBERMAN, para o qual as imagens nunca dão tudo a ver; elas conseguem mostrar a ausência a partir do *nem tudo a ver* que elas nos propõem constantemente (2012, p. 160).

Assim, para esse autor, embora as imagens tenham poder, elas também possuem limites. No entanto, na concepção dele, a utilização de imagens nos possibilita uma ponte de diálogo com o real, na medida em que as imagens são parte de outras evidências e registros que compõem a narrativa do que se propôs falar por meio delas. Dessa maneira, nosso olhar se volta para as imagens do Reuni, entendendo que elas não são, por si só, elementos substantivos que mostram o real sobre o Reuni na UFG. Por outro lado, olhamos para essas imagens com o entendimento de não podemos deixar de considerar o poder que elas possuem na construção da narrativa institucional sobre o Programa.

Por sua vez, pensaremos o Reuni à luz das ponderações de Boaventura Sousa Santos no livro *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade* (2010). Essa obra de Boaventura Santos traz um diagnóstico da crise vivida pela universidade frente aos desafios impostos pelo mundo contemporâneo, e apresenta sugestões para uma reforma da universidade pública que seja de fato emancipatória e democrática.

Nesse sentido a primeira parte do artigo fará uma breve apresentação do “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, publicação que traz um registro visual sobre a reconfiguração da UFG ocorrida a partir do Reuni, com o intuito de relacionar as imagens dali elencadas com as dimensões propostas pelo Programa. Por sua vez, na segunda parte do texto, tendo por norte as recomendações de Boaventura Sousa Santos para que a universidade pública reconquiste sua legitimidade a partir de uma reforma universitária emancipatória, buscaremos identificar as ações sugeridas pelo autor com as dimensões do Reuni na UFG contempladas (ou não) nas respectivas imagens elencadas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Cabe pontuar que, embora a pesquisa de doutorado em curso pretenda fazer um estudo comparado entre a UFG, UFT e UFMT, este o artigo voltará o olhar somente para a UFG (nesse caso, de modo específico, para as visualidades do Reuni na UFG), isso dado o tempo das coisas, somado ao fato de que o material coletado das instituições externas até o momento ainda é incipiente para a elaboração desse olhar ampliado que se pretende futuramente.

Imagens do Reuni na UFG

As diretrizes para o Reuni foram estruturadas em seis dimensões, cada uma com um conjunto de aspectos e propostas específicas, de modo que estão foram assim distribuídas: 1) Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública, 2) Reestruturação Acadêmico-Curricular, 3) Renovação Pedagógica da Educação Superior, 4) Mobilidade Intra e Interinstitucional, 5) Compromisso Social da Instituição e 6) Suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação (BRASIL, 2007, p. 10-11)

A UFG passou por transformações expressivas a partir da implementação das metas globais do Reuni, estas vinculadas às seis dimensões do Programa. Os resultados dessa transformação institucional e a perspectiva da gestão sobre o período em tela constam no “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, publicação que traz um registro iconográfico sobre a reconfiguração da UFG ocorrida a partir do Reuni.

Por sua vez, o livro “Imagens apesar de tudo”, de autoria de Didi-Huberman (2012) nos ajuda a compreender que nenhuma imagem é total por si mesma. Para o autor toda imagem é singular, e, apesar disso, ela pode e deve ser imaginada de diversas maneiras, ou seja, na concepção dele, toda imagem precisa ser vista, pensada e problematizada. Nessa direção o autor defende a ideia de que não há imagem *uma*, tal como não há palavras, frases ou páginas *únicas* para dizer um real, qualquer que seja, no seu *todo*. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 158). Para Didi-Huberman as imagens precisam ser compreendidas na medida que todo o acto de imagem é arrancado à impossível descrição de um real. Assim, para o autor, as imagens devem ser compreendidas no contexto do próprio acto que as tornou possível. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 160).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No contexto da UFG, o ato que tornou possível as imagens do “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, foi, de modo específico, a adesão e a implementação do Reuni na instituição. A narrativa iconográfica contida nesta publicação, embora legítima, aparentemente não contempla todas as faces do processo.

Nesse sentido, partindo de um olhar ampliado para a historiografia do Reuni especialmente na UFG, buscando ver os horizontes que se estendem para além das imagens do Livro da Gestão da UFG 2006-2013, encontramos eco em questões que nos são propostas por Didi-Huberman que defende a ideia de que não é inútil se perguntar *de que* exatamente uma imagem é imagem, quais são os aspectos que aí se tornam visíveis, as evidências que apareceram, as representações que primeiro se impõem (2015, p. 206). O autor segue nos incitando a pensar também sobre o *como* das imagens e a buscar saber a *quem* são as imagens, ou seja, para quem se tira uma foto, tira-se verdadeiramente? E, ainda, nos chama a pensar se não seria preciso devolver a imagem a quem de direito? (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 206).

Assim, entendemos que para pensar as imagens do Reuni sob tais concepções, precisamos também do aporte de elementos outros. Nesse caso, entendemos que faz-se necessário também voltar nosso olhar para a vasta documentação interna outrora coletada para pesquisa de mestrado (tendo sido parte dela fornecida pela gestão da UFG), tais como atas e documentos acessórios tanto do Conselho Universitário da UFG quanto dos Conselhos Diretores das Unidades Acadêmicas, bem como outros registros de vindos de representações envolvidas no debate em pauta, como estudantil, sindical e afins, além de publicações diversas em veículos institucionais e imprensa local/nacional.

Nessa direção, pensar as imagens do Reuni na UFG demanda que nosso olhar se volte também para toda historiografia relacionada ao Reuni que advém de autores que abordam as políticas educacionais sob a perspectiva dos impactos do neoliberalismo na Educação Superior, somada às legislações que versam sobre o tema e outros documentos oficiais pertinentes ao assunto, disponibilizados pelo governo federal e organismos representativos da área da educação, dentre eles a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), dentre outros.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tendo em vista que a pesquisa que ora se pretende continuar parte desse *corpus* documental já estudado, ao passear nosso olhar pelas imagens contidas na referida publicação institucional, enxergamos, além da narrativa da gestão ali construída, silêncios e ausências de partes da história retratada na obra em tela, o que nos leva a outra indagação proposta por Didi-Huberman:

O que fazer para restituir alguma coisa à esfera pública para além dos limites impostos por esse aparelho? É preciso instituir os restos: tomar nas instituições o que elas não querem mostrar – o rebotalho, o refugio, as imagens esquecidas ou censuradas – para retorná-las a quem de direito, quer dizer, ao “público”, à comunidade, aos cidadãos. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 207).

Assim, embora as imagens possam ter limites e não sejam de todo capazes de expressar o real, conforme nos fala Didi-Huberman: para saber é preciso imaginar-se. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 15). Dessa maneira, as imagens nos dão abertura para diálogos outros, apesar da nossa incapacidade inerente de olhar para as imagens conforme elas merecem ser olhadas, conforme também explica o autor. Logo, seguindo na direção das imagens do Reuni contidas no Livro da Gestão da UFG 2006-2013, buscaremos perceber eventuais relações delas com as seis dimensões propostas pelo Reuni para o cumprimento das metas globais e para o alcance dos objetivos do Programa.

Das imagens elencadas, a primeira delas (Figura 1), nomeada “O Crescimento da UFG”, de Anatoly Kranchenko, p. 28 e 29 do Livro da Gestão UFG (2006-2013), trata de uma imagem de satélite que mostra o espaço geográfico do Campus II da UFG em diferentes períodos, primeiro em 2006 e depois em 2013.



Figura 1 – “O Crescimento da UFG” (Anatoly Kranchenko)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A primeira imagem (Figura 1) mostra que entre 2006 e 2013 vários prédios foram construídos na UFG, como pavilhões de salas de aula e o Centro de Cultura e Eventos da UFG, assim como houve o aumento da urbanização do Campus II por meio da abertura de novas vias, adequação dos acessos para deficientes, asfaltamentos, sinalização de trânsito e paisagismo, embora suas reservas verdes tenham sido mantidas. Desse modo, apresenta uma vinculação direta com sua primeira dimensão, que trata da “Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública”, uma vez que esta previa uma expansão do espaço físico para abrigar a expansão da oferta de vagas.



Figura 2 – “Internacionalização” (Ascom/UFG).

A segunda imagem (Figura 2), trata do aumento do intercâmbio e da internacionalização da UFG. Está acompanhada da descrição cresce o intercâmbio na UFG entre discentes da graduação e pós-graduação e docentes que buscam o aperfeiçoamento no exterior. Da mesma forma, todo semestre, a instituição recebe dezenas de estudantes de várias nacionalidades (UFG, 2013, p. 77).

Aparentemente, a figura 2 trata-se de uma imagem antinatural, tendo em vista que indica um cenário predisposto, em que consta uma sala/ambiente fechado, com sete indivíduos/alunos. Todos estão concentrados na leitura do mesmo texto, que aponta para um catálogo institucional, sendo que o aluno que está em primeiro plano nos parece um gringo, e encontra-se ladeado de alunos negros em maior quantidade. Nesse sentido, a figura mostra vinculação com a segunda dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência), assim como com a quarta dimensão, que trata da “Mobilidade Intra e Inter-Institucional”, a qual aborda questões de internacionalização e da promoção da mobilidade estudantil

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre cursos e programas, e entre instituições de educação superior.



Figura 3 – “Inclusão, Acesso e Permanência” (Ascom/UFG).

A terceira imagem (Figura 3), retrata a colação de grau da primeira turma do curso de Educação Intercultural Indígena da UFG. Ela retrata um aluno indígena em uma tribuna, vestido com trajes acadêmicos em uma cerimônia de colação de grau, momento em que ele aparece em primeiro plano, com o braço erguido, uma alusão clara a um gesto de vitória, de luta, falando ao microfone, o que sugere que ele tem voz, ou seja, está empoderado no espaço no qual está inserido. Possui uma expressão de felicidade no rosto, certamente a representação do sentimento dele e dos seus demais semelhantes, que aparecem em segundo plano na fotografia, mas representados pelo aluno em destaque, em primeiro plano. Assim, a figura 3 também apresenta uma vinculação direta com a segunda dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência), ressaltando o cumprimento da democratização do acesso ao ensino superior público proposta pelo Programa.



Figura 4 – “Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena” (Ascom/UFG).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A quarta imagem (Figura 4), retrata o Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena do Campus Samambaia. A imagem mostra construções em disposição circular, seis ao todo.

Em primeiro plano temos um amplo círculo de areia ladeado por concreto, enquanto no centro vemos uma oca coberta de palha. Ao fundo há um círculo de concreto que abriga um mini auditório a céu aberto. Em volta desses elementos, do lado esquerdo e direito, temos duas edificações, que embora apresentem características tradicionais, são pontuadas por elementos da cultura indígena. A da esquerda é uma espécie de oca agregada, enquanto a do lado direito é precedida por uma espécie de mural, no qual constam elementos da natureza. A figura 4 também apresenta vinculação com a segunda dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência).



Figura 5 – “Exposição Lavras e Louvores” (Júlia Mariano).

A quinta e última imagem elencada, (Figura 5), retrata uma tela da exposição de longa duração “Lavras e Louvores”, inaugurada em dezembro de 2006 no Museu Antropológico da UFG, pensada para estimular a discussão sobre a construção simbólica das identidades regionais da região Centro-Oeste. A imagem expõe um mosaico com crianças indígenas em primeiro plano, e em segundo plano mostra pessoas visitando a exposição, de modo a compor um jogo de espelhamento e descontinuidade, no qual os expectadores estão olhando para as crianças indígenas que são centrais, ao mesmo tempo em que as crianças estão mescladas às figuras que as orbitam.

Assim, a figura 5 nos remete às políticas de Extensão Universitária quando busca estabelecer uma relação de pessoas anônimas com crianças indígenas, pontos centrais da imagem, tendo em vista que a Extensão nos coloca em contato com o que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

está além dos muros da universidade. Desse modo, percebemos que se vincula diretamente com a quinta dimensão do Reuni, do “Compromisso Social da Instituição”, que inclui as políticas de Extensão Universitária.

As imagens do Reuni na UFG à luz de Boaventura Santos

O livro *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade* (Editora Cortez, 2010, SP), de autoria de Boaventura de Sousa Santos, nos chama a pensar a universidade e as crises historicamente vivenciadas por ela, assim como nos ajuda a melhor perceber as mudanças que vem ocorrendo na esfera do ensino superior ao longo do tempo, bem como para os impactos destas transformações na universidade pública.

Nesse sentido o autor começa suas reflexões retomando o que ele já tinha discutido anteriormente em texto anterior que identificava as três crises com que se defrontava a universidade (SANTOS, 2010, p. 9). Para o autor a crise universitária é na verdade composta de três crises, as quais ele nomeia crise de hegemonia, crise da legitimidade e crise institucional.

Desse modo, na primeira parte do livro o autor se ocupa de fazer uma espécie de diagnóstico sobre a universidade, pontuando as características das crises que a afligem (e que se relacionam), bem como discorre sobre os efeitos de cada uma delas na medida em que levanta questões sobre as mudanças recentes ocorridas no ensino superior e sobre o resultados delas para a universidade pública. Tendo feito um diagnóstico da instituição universidade na primeira parte do livro, na segunda parte do texto o autor afirma: procurarei identificar algumas das ideias-mestras que devem presidir uma reforma criativa, democrática e emancipatória da universidade pública (SANTOS, 2010, p.55).

Assim, na concepção do autor, a crise universitária vivida pela universidade é produto da conexão existente entre as três crises já ditas por ele: crise de hegemonia, crise da legitimidade e crise institucional. Ele afirma que a crise de hegemonia decorre do conflito que há em relação as funções tradicionais da universidade, da qual por um lado figura desde os primórdios de sua existência como produtora de alta cultura e formadora de elites, por outro lado, dessa mesma universidade espera-se a produção de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

padrões culturais médios e de conhecimentos instrumentais, úteis na formação de mão de obra qualificada exigida pelo desenvolvimento capitalista (SANTOS, 2010, p. 9).

Boaventura Santos afirma que a crise de legitimidade, por sua vez, se instalou na medida em que a universidade não se mostrou capaz de suprir o acesso ao conhecimento por parte das classes populares da sociedade. A esse respeito o autor afirma:

a crise de legitimidade foi provocada pelo fato de a universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições de acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares, por outro. (SANTOS, 2010, p. 10)

Por fim, o autor nos diz que a crise institucional se deu a partir da controvérsia existente entre o fato de que, se por um lado a universidade busca autonomia na definição dos seus valores e objetivos, por outro, essa mesma universidade sofre constantemente uma pressão crescente para atender critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social (SANTOS, 2010, P. 10).

Na segunda parte do livro Boaventura se propõe a apresentar o que ele nomeia de *ideias-mestras* que poderão contribuir para uma reforma universitária que ocorra em um sentido mais amplo e emancipatório.

Na visão de Boaventura é preciso buscar alternativas que permitam um enfrentamento da crise na universidade utilizando as vias que aí estão, é o que ele chamará de *enfrentar o novo com o novo*. Assim, ele afirma que o único modo eficaz e emancipatório de enfrentar a globalização neoliberal é contrapor-lhe uma globalização alternativa, uma globalização contra-hegemônica (SANTOS, 2010, p. 56).

Para Boaventura Santos o processo de globalização contra-hegemônica da universidade como bem público se revela como um projeto político rigoroso, que para alcançar sucesso teria que transcender duas ideias preconcebidas e contraditórias, quais sejam: de que somente os próprios universitários seriam capacitados para reformar a universidade, e a ideia de que a universidade nunca se autorreformulará. O autor nos lembra de que a universidade pública é hoje um campo social muito fraturado e no seu seio digladiam-se setores e interesses contraditórios. (SANTOS, 2010, p. 59).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na concepção de Boaventura Santos as mudanças sofridas pela universidade ao longo da última década foram profundas por demais, o que significa dizer, nas palavras dele, que são mudanças irreversíveis (SANTOS, 2010, p. 62), de modo que a perda da hegemonia aparenta então ser irremediável. Assim, o autor sugere que a universidade coloque seu foco de ação principalmente na questão da legitimidade, tendo em vista a democratização do bem público universitário, ou seja, para o contributo específico da universidade na definição e solução coletivas dos problemas sociais, nacionais e globais. (SANTOS, 2010, p. 62) Nesse sentido argumenta que as reformas devem partir da constatação da perda de hegemonia e concentrar-se na questão da legitimidade. (SANTOS, 2010, p. 64)

O autor afirma que lutar pela definição de universidade envolve a questão da hegemonia, assim como passa também pela luta pela legitimidade. Boaventura então aponta cinco áreas de ação por meio das quais a universidade deve pautar sua busca para reconquistar a legitimidade, são elas: 1) Acesso; 2) Extensão; 3) Pesquisa-ação; 4) Ecologia de saberes e 5) Universidade e Escola Pública.

Nesse direção o autor nos provoca a revisitar os conceitos que conhecemos sobre a universidade, começando com o que entendemos por crise universitária, buscando alargar nosso olhar para as nuances dessa crise que pode ser mais ampla do que dá a parecer. Boaventura nos ajuda a olhar em perspectiva para um cenário de caos aparentemente estabelecido, ressalta que há um projeto global em curso sob a tutela de organismos internacionais que é altamente prejudicial para universidade, assim como propõe uma reforma criativa e democrática, o que autor nomeará de globalização contra-hegemônica.

Embora o Reuni por um lado, possa não ser considerado *exatamente* uma reforma universitária³, dado os limites e a natureza do Programa, por outro lado, os alcances dele promoveram mudanças de certo modo estruturais na universidades públicas (especialmente na questão do acesso), que nos leva a considerar que os

³ Na historiografia vigente sobre o Reuni é possível encontrar escritos em que o Programa é citado como uma **reforma universitária** incluído no rol das outras tantas já ocorridas no Brasil, embora essa afirmativa possa ser controversa para determinados pesquisadores da área, dada a natureza e as características do Programa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

resultados do Reuni, de alguma maneira, promoveram uma espécie de reforma nas universidades públicas brasileiras.

Como já dito, em ponto específico de estudo anterior (pesquisa de mestrado), buscamos uma melhor compreensão sobre a recepção do Reuni na UFG por meio da observação da presença (ou ausência) das seis dimensões propostas pelo Programa nos debates e na implementação dele na UFG.

O livro de Boaventura Santos e suas recomendações para que haja reforma da universidade pública que seja emancipatória e democrática, nos permitiu uma melhor percepção da expansão universitária ocorrida na UFG via Reuni, observando as dimensões propostas pelo Programa em face das cinco áreas de ação sugeridas pelo autor para que a universidade pública possa reconquistar especialmente a sua legitimidade.

Nesse sentido, buscamos observar nas imagens elencadas a presença (ou não) das cinco áreas de ação sugeridas por Boaventura Santos para que a universidade pública recupere sua legitimidade, na medida em que tais imagens apresentam alguma vinculação com as já referidas dimensões do Reuni, quais sejam: 1) Ampliação da Oferta de Educação Superior Pública, 2) Reestruturação Acadêmico-Curricular, 3) Renovação Pedagógica da Educação Superior, 4) Mobilidade Intra e Interinstitucional, 5) Compromisso Social da Instituição e 6) Suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

Assim, a figura 1 (o crescimento da UFG) encontra eco na primeira a área/ação proposta por Boaventura Santos, que trata do *acesso* à universidade pública, uma vez que apresenta uma vinculação direta com a primeira dimensão do Reuni, que aborda a ampliação da oferta de educação superior pública. Tendo em vista que a figura 1 dialoga também com a quinta dimensão do Reuni, do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência), ela pode também ser vinculada ao que propõe Boaventura Santos nas ações sugeridas voltadas para *extensão e ecologia de saberes*.

A figura 2 (internacionalização), por sua vez, se mostra vinculada com a segunda dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição, assim como com a quarta dimensão, que trata da “Mobilidade Intra e Inter-Institucional”, a qual aborda questões de internacionalização e da promoção da mobilidade estudantil

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre cursos e programas, e entre instituições de educação superior. Dessa maneira a figura 2 também dialoga com ações voltadas para o *acesso*, conforme proposto por Boaventura Santos. A historiografia relacionada ao Reuni mostra que a ampliação do acesso foi a dimensão proposta pelo Reuni mais amplamente contemplada não somente na UFG⁴, mas na maioria das IFES de todo o país.

A quarta dimensão do Reuni, por sua vez, versa de um modo direto sobre a internacionalização da universidade. Ainda que Boaventura Santos aborde o tema *transnacionalização do mercado universitário* no livro em tela, ele não elenca a internacionalização como uma das áreas/ações que poderiam contribuir de modo direto para maior legitimação institucional e para uma reforma da universidade pública nos moldes propostos pelo autor.

A terceira imagem (figura 3 - inclusão, acesso e permanência), mostra relação com a quinta dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência), e que, no âmbito da UFG, teve um papel de destaque, ressaltando o cumprimento da democratização do acesso ao ensino superior proposta pelo Programa. As premissas dessa dimensão encontram eco no que Boaventura propõe quando enfatiza ações voltadas para *acesso extensão* como necessárias para recuperação da legitimidade da universidade pública.

A figura 4 (Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena), assim como a figura 3, apresenta vinculação com a segunda dimensão do Reuni, que trata do “Compromisso Social da Instituição” (acesso, inclusão e permanência) e também apresenta relação com ações que envolvem *acesso e extensão* em Boaventura Santos, tal com a imagem anterior.

A quinta imagem (figura 5 - Exposição Lavras e Louvores), também dialoga com o “Compromisso Social da Instituição”, que inclui as políticas de extensão

⁴As ações do Reuni na UFG se concentraram na ampliação da infraestrutura e na contratação de pessoal, que resultaram no aumento de vagas nos cursos de graduação, de 3.618 vagas, em 2006, para 6.355, em 2013. A oferta de cursos noturnos, também foi ampliada, bem como ações de inovação pedagógica e de combate à evasão. A UFG passou de 1.191 para 2.175 docentes nos últimos oito anos, muitos deles já com doutorado, qualificando, ainda mais, o ensino, a pesquisa e a extensão. Fonte: <<https://jornal.ufg.br/n/65869-crescimento-com-foco-na-participacao>>. Acesso em 07 fev. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

universitária, ou seja, se vincula a quinta dimensão do Reuni, e dialoga com as mesmas premissas de Boaventura Santos observadas na figura 4 e figura 5.

Considerações finais

Sob uma perspectiva geral é possível perceber que na UFG o eixo da expansão (quantitativo) proposto pelo Reuni foi melhor desenvolvido do que o da reestruturação (qualitativo). As imagens do “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, ratificam os indícios de que a primeira dimensão (ampliação do acesso) e a quinta dimensão (compromisso social da instituição) do Reuni tiveram um alcance superior às outras dimensões, o que não desabona o saldo positivo do Programa, embora indique que ainda há muito o que ser feito para consolidação da expansão universitária ocorrida na UFG via Reuni.

A referida publicação institucional mostra sistematicamente ao longo das suas 202 páginas que, do ponto de vista especialmente numérico, houve sim crescimento, expansão e democratização do acesso na UFG a partir do Reuni, embora as vozes dissonantes desde o princípio alertaram que um dos problemas do Reuni era exatamente a *natureza quantitativa* do Programa.

Quanto as imagens contidas no “Livro da Gestão UFG 2006-2013”, construídas que foram pelo programa de divulgação institucional da UFG, embora apresentem um panorama de grandes realizações, se colocadas em diálogo com os documentos e as dimensões do Reuni mostrarão seus limites de representação. Ou seja, perceber que tais imagens são resultados de uma construção nos alerta para o fato de elas não podem ser um espelho do real. A partir disso poderíamos então pensar que tais imagens são inúteis? Não, de modo algum, pelo contrário. Na verdade, como demonstra o Didi-Huberman, compreendemos que as imagens mostram muito, especialmente sobre suas condições de produção, que permitem aberturas de diálogos com outros documentos, dentre outros. Contudo tais imagens não devem ser pensadas de forma isolada, elas precisam ser contrapostas a documentos outros, tendo em vista que elas apresentam grande potencial de diálogo, apesar de suas limitações na representação do real.

Por sua vez, ampliar o olhar para o Reuni e para as imagens registradas na UFG a partir dele sob os apontamentos de Boaventura Santos e das concepções de Didi-Huberman nos ajudaram a melhor compreender os alcances e os limites do objeto estudado e da nossa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intenção de pesquisa. Em Didi-Huberman encontramos o alerta de que imagens são atos visuais que precisam ser imaginadas e problematizadas, uma vez que não contemplam o *real* como um todo. Boaventura Santos, por sua vez, nos permitiu ter uma maior visualização da complexidade dos desafios impostos as universidades públicas frente ao avanço do tempo, contribuindo assim para um melhor entendimento do universo por nós estudado.

Por fim, pontuamos que a despeito dos limites e do alcance do Reuni na UFG, consideramos que o Programa em muito contribuiu com o crescimento da universidade, com a democratização do acesso e com o surgimento de novos sujeitos e cenários institucionais, permitindo que outras representações da sociedade passassem a compor a construção da história e da identidade da instituição.

Nessa perspectiva o Reuni, apesar das contradições que o envolveram, ganha uma espécie de salvo conduto, uma vez que entendemos que ele foi a ação possível naquele contexto, realizada por um governo que quis democratizar o ingresso à educação superior pública no Brasil e que promoveu tudo isso com o intuito de produzir rupturas no sistema, tendo em vista colaborar com a emancipação de indivíduos partícipes de uma sociedade fortemente marcada pela exclusão e outras desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais, como é a brasileira.

Referências bibliográficas

AUBERT, Nicole. HAROCHE, Claudine. (orgs.) **Tirantias da visibilidade**. São Paulo: Editora Fap/Unifesp, 2013. pp.85-123

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o REUNI. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm>. Acesso em: 20 dez 2020.

_____. **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Diretrizes Gerais.2007.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 20 dez 2020.

ELIAS, Norbert. “As estátuas pensantes”. In: _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. pp.80-101

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Lisboa: Ulisseia, 1963. pp.9-53

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Devolver uma imagem**. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 205-225.

_____. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

UFG. **UFG: 2006-2013 / Universidade Federal de Goiás**. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/ufgascom/docs/livro_ufg>. Acesso aos 10 jan. 2021.